

CASTRO DE CADÉM – CALVELO A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DE 1996

Carlos A. Brochado ALMEIDA

1. INTRODUÇÃO

A freguesia de Calvelo está situada na bacia norte do rio Neiva. É uma das mais meridionais do concelho de Ponte de Lima e do distrito de Viana do Castelo (Fig. 1), pois confronta com a freguesia de Arcozelo que faz parte do concelho de Vila Verde e distrito de Braga¹. Setentrionalmente é o monte de S. Veríssimo que, nos seus 417m, a protege e defende dos desabridos ventos que, por vezes, sopram do Norte.

A área de maior pressão demográfica foi e ainda é, a que se situa a Poente do ribeiro, cuja principal linha de água nasce nos contrafortes do Monte onde se encontra a Fonte do Ido e desagua no Neiva, no lugar do Sardoal. É neste espaço, em suave declive voltado a Sul, com presença de água e boa drenagem, que ao longo dos séculos, se formaram algumas importantes unidades agrárias, entre as quais se destacam as quintas de Mereces, Boa Vista, Velhas e Pousada. Anteriormente este espaço de eleição foi palco de uma série de ocupações que começaram na Idade do Ferro e se estenderam pelos séculos seguintes. São elas o castro da Rodinha do Crasto, os castros agrícolas de Cadém e Valadares, as ocupações com *tegulae* de época romana e alti-medieval da Quinta da Pousada, da Quinta de Mereces, do lugar do Ribeiro e em torno da igreja paroquial onde a *tegulae*, as sepulturas construídas com este material e os arcazes tumulares mostram ter havido uma ocupação de tipo religioso, possivelmente o mosteiro que o Liber Fidei apedidava de S. Pedro de Calvelo.

Se exceptuarmos a Rodinha do Crasto, que foi totalmente desmantelado pelo plantio de espécies florestais e se encontra na linha de divisão das freguesias de Calvelo e Anais, os outros povoados castrejos são os de Cadém e de Valadares.

O lugar de Valadares está situado na vertente meridional do Monte de S. Veríssimo, a Nascente da capela do Senhor do Calvário. Próximo, a seus pés, corre o Ribeiro de Trasmonde e encontram-se as primeiras casas do lugar do Pomarinho.

¹ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Povoamento Romano do Litoral Minhoto Entre o Cávado e o Minho*, Dissertação de doutoramento pela FLUP, Porto, 1996, p. 421.

A área onde se situa o castro é uma zona de monte, revestida de espesso manto arbóreo, com destaque para os pinheiros e eucaliptos. Da primitiva flora restam alguns exemplares de carvalhos e um ou outro sobreiro. Por se tratar de uma área de monte, onde imperam os solos graníticos com alguns rochedos a despontar entre o matagal que cresce desafogadamente, só esporadicamente despertou o interesse da fixação humana, situação que conheceu uma certa inflexão nos últimos anos com a construção de algumas casas de habitação. Estas, tal como as que já aí existiam, são as responsáveis pela destruição de uma boa parte do sector seu meridional, onde desapareceu todo o sistema defensivo e ainda uma boa parte da coroa.

Estruturalmente é um povoado que se enquadra na tipologia dos «castros agrícolas». Caracteriza uma coroa aplanada com descaimento para o Sul e obviamente o sistema defensivo que se compõe de talude e, pelo menos, um fosso seguido de muralha em terra. No cimo do talude funcionava, como complemento defensivo, à imagem do castro da Picarreira (Carapeços – Barcelos) uma muralha em pedra ou, pelo menos, um muro com uma certa espessura.

Desta muralha ou muro conservam-se ainda, bem nítidos, restos de alicerces que se percebem ainda na borda do talude e naturalmente a muita pedra que caiu num dos fossos, hoje totalmente atulhado. Um estudo realizado no sítio onde foram cavados os alicerces de uma casa moderna, mostra que tivera uma profundidade na ordem dos 3 metros e uma largura que rondou os 2,5m. Totalmente atulhado, encheu muita pedra de construção com as faces aparelhadas à maneira castreja e naturalmente terra humosa, de coloração escura devido à muita deposição e decomposição dos elementos vegetais.

A terra, que hoje enche o fosso, veio do talude que perdeu uma boa parte da sua primitiva inclinação e da muralha em terra que funcionava em apoio ao sistema defensivo, na parte exterior do fosso. Desta, resta muito pouco. Disfarçada ou simplesmente aplanada, somente é detectável na parte voltada a Nascente, onde foi fendida a meio por um caminho de servidão das propriedades vizinhas, antes da abertura do caminho, parcialmente empedrado, que sobe até à capela do Senhor do Calvário.

É natural que tivesse tido um segundo fosso, o que aliás está de acordo com as regras que definem este tipo de povoados. Se existiu, dificilmente o encontraremos em virtude das profundas alterações que atingiram a área circundante.

Espólio, neste velho habitat de Valadares, é coisa rara, provavelmente devido aos revolvimentos e à forte erosão a que a coroa esteve sujeita. Suspeitamos mesmo que a coroa tenha sido posteriormente agricultada, algo que não é nada inédito.

Para além da pedra de construção, que está bem patente no atulhamento do fosso, registamos a presença de *tegulae* e de alguns fragmentos de cerâmica castreja bem tardia, daquela em que a pasta e a cozedura mostram já a influência romana. O destaque vai somente para um pequeno fragmento com uma decoração que está bem dentro do espírito e da tradição castreja.

O pequeno lugar de Cadém, topónimo oriundo do étimo latino «*Cattinus*»² está situado na extrema oriental da freguesia de Calvelo, praticamente na linha que administrativamente divide os concelhos de Ponte de Lima e de Vila Verde e os distritos de Viana do Castelo e de Braga.

Em termos geográficos trata-se de uma zona aplanada, situada na base do monte de S. Veríssimo e da «Rodinha do Crasto», conjuntos orográficos entre os quais se encaixou, muito apertado e bem encaixado, o vale do Ribeiro de Trasmonde que desagua no Rio Neiva.

O território de Cadém está, também ele, bem definido por duas linhas de água: a Poente o Ribeiro do Carvalhal, a Nascente o Ribeiro dos Milhões.

² FERNANDES, A, de Almeida, *Algumas Informações Toponímicas acerca das «villas» na área do concelho de Ponte de Lima*, APL, 1980, p. 46.

É neste espaço amplo, aberto, geologicamente formado por rochas de origem silúrica, que se encontra o «castro agrícola»³, conhecido na zona pelo *Alto das Covas*, *Covas do Picouto* e eruditamente por Castelo de Cadém. Está situado numa zona de pinhal e mato, em cota ligeiramente superior aos terrenos circundantes (Fig. 2), conservando ainda hoje os atributos essenciais que definem e caracterizam este tipo de povoados, construídos e ocupados na parte final do castrejo.

O seu conhecimento remonta, pelo menos, ao século XVIII, altura em que Carvalho da Costa o definiu nos seguintes termos: «*no logar de Cadem... há vestígios ruínas & vestígios de fortificação antiga com cavas & estradas encubertas, que forão do Mouro*»⁴.

O conjunto é formado por uma coroa aplanada de pequenas dimensões e por um sistema defensivo que consta de uma muralha de terra em talude, seguido por dois fossos, separados entre si, por uma muralha, mais pequena, em terra.

Será nos terrenos que com o castro confinam pelo lado sul, que posteriormente se instalou um tal *Cattinus*, lavrador, que está na origem, não diremos de uma «*villa*» mas pelo menos de um casal. Aqui, as terras, sem serem de excepcional qualidade, permitiam uma actividade agrícola rentável, tanto mais que a água abunda no espaço envolvente.

A Igreja de Calvelo está situada na aba nordeste da Quinta da Pousada, sobranceira ao extenso vale onde correm os vários braços do ribeiro do Sardeal. O sítio é uma pequena chã, que está bem protegida pelo lado norte e com boa exposição solar durante a maior parte do dia.

Arquitectonicamente trata-se de um templo de traça singela, que foi reformado entre 1896 e 1898, mas que conserva ainda, ao nível das portas laterais, sinais da época quinhentista. Mas se consultarmos a documentação medieval, sobretudo a que está inserida no Liber Fidei, ficamos a saber que ali houve um mosteiro «*de illo monasterio Sancti Petri de Calvelo*»⁵ que a tradição diz ter sido de freiras e remontar a um período anterior à nacionalidade.

Do dito mosteiro nada restou à excepção do topónimo «*campo do mosteiro*»⁶, porque é conhecido um terreno agrícola que confina, pelo Norte, com o adro da igreja paroquial. É precisamente neste campo, no espaço plantado de oliveiras, que está em frente do adro que a *tegulae* aparece em grande abundância. Sabemos terem elas também aparecido nas obras que remodelaram o adro e no denominado «*campo do mosteiro*» juntamente com arcazes tumulares em granito, dos quais um se encontra acompanhado de uma estela medieval, no pátio interior da Quinta da Pousada e um outro na Quinta de Pregais da vila de Forjães, concelho de Esposende, para onde o levou o proprietário, que é natural desta freguesia. Para além destes túmulos, sabe-se que apareceram também outros feitos à base de *tegulae*. Confrontados com tais dados, o mais natural é que haja dúvidas sobre a sua cronologia, o tipo e o número de ocupações que ali houve.

O mais provável é os arcazes tumulares estarem relacionados com o já mencionado mosteiro, o qual tem uma cronologia segura, pelo menos, para o início do século XII. Já o mesmo não poderemos dizer dos túmulos que eram feitos com *tegulae*. Sabemos que esta, na parte final da Alta Idade Média (século IX-XI), aparece a forrar o chão de certas sepulturas, no caso vertente o cemitério medieval da igreja de Santa Maria de Geraz do Lima (Viana do Castelo) e o da primitiva igreja de Navió⁷. Mas como não houve escavação e a informação a que tivemos acesso é escassa e vaga, fica-

³ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; BAPTISTA, António José, *Castros e Castelos de Ponte de Lima*, ICGM, 2, 1981, pp. 308-309.

⁴ CARVALHO, A. Carvalho da, *Corografia Portuguesa*, 2ª ed., Braga, 1886, p. 235.

⁵ Liber Fidei, doc. 464.

⁶ BAPTISTA, António José, op. cit., IV, 1983, pp. 128-129.

⁷ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; BAPTISTA, António José, *A Necrópole de Navió*, APL, Ponte de Lima, 1980, pp. 65-74.

mos sem saber se estamos perante túmulos de época romana – tipo rectangular com ou sem cobertura triangular – ou simplesmente são sepulturas contemporâneas da fundação do mosteiro que aproveitaram telhas ainda intactas.

Independentemente da cronologia da necrópole poder recuar até à romanização, é preciso não esquecer que algumas das *tegulae* poderão provir da cobertura de um edifício, cuja cronologia será tão difícil de decifrar quanto o é a do cemitério-necrópole. No entanto, analisando o posicionamento geográfico, face ao vale e às boas condições de arejamento e de luminosidade, nada mais natural que aqui tivesse havido um edifício, que de uma certa maneira, pudesse ter uma relação mais ou menos directa com a ocupação da vizinha Quinta da Pousada.

Menos complicado parece ser a classificação do cipo granítico que se encontra no adro.

A primeira notícia que lhe atribui a função de miliário provém de Maria de Fátima da Silva Melo quando elaborou a sua tese de licenciatura⁸. Seguiram-se-lhes, com opiniões mais ou menos convergentes, Matos Reis⁹, Luciano Santos¹⁰ e Rosa de Araújo¹¹. Na nossa opinião o cipo, com uma altura visível de 0,82m, um diâmetro que oscila entre 0,71 e 0,74m e um perímetro que ronda os 2,35m, não é mais que uma coluna circular, num granito que não encontra paralelos nos demais miliários desta via, com ausência de inscrição e de «patine» que lhe confira áurea de antiguidade. Foi, certamente talhado para outras funções, não necessariamente as de miliário.

Pé de altar, mesa judicial ou de confraria, são hipóteses que, entre outras, deverão ser também consideradas.

A Quinta da Pousada, pela sua localização e sua arquitectura, é daquelas que desperta a atenção. Situada a Sudoeste e na proximidade da igreja paroquial, é uma extensa propriedade trabalhada em largos socalcos, na actualidade cheios de vinha. No cimo, dominando o panorama e com uma magnífica vista sobre o vale do Neiva, está a casa senhorial e a capela onde está cravado o escudo da família que a ocupou por largas gerações¹².

Edifício amplo, bem talhado, enquadra-se perfeitamente na arquitectura senhorial do Entre-Douro-e-Minho do início do século XVIII, embora as recentes obras de remodelação e ampliação mostrem ter havido sinais de um edifício anterior. Ao século XV parece pertencer uma porta, baixa e em arco apontado, que fazia parte da primitiva torre, já que a actual, pelo seu cariz revivalista, mostra ter sido construída na viragem do século XIX para o XX.

À margem destes considerandos e de qualquer investigação de campo, diríamos, que à partida, era um belo sítio para ser ocupado no decurso da romanização. Facto que acabou por se confirmar, quando descobrimos teguale nos vinhedos que se estendem para Nascente e Sul do solar. Mas nada mais pudemos apurar. Os campos, em largos socalcos, são fruto de terraplanagens relativamente recentes que alteraram a fisionomia do pequeno outeiro e revolveram, misturando, qualquer tipo de estruturas existentes. Por tal facto, desconhecemos se os vestígios provêm de um simples casal ou, se pelo contrário, estamos perante o que resta de uma verdadeira «villa».

Juntando estes elementos, dispersos e desfazados no tempo, ao topónimo que está na origem de Calvelo – com muita probabilidade um genitivo do antropónimo latino «*Calvellus*»¹³ – é nossa opinião que a primeira ocupação do sítio remonta ao

⁸ MELO, Maria de Fátima, *Arqueologia do Concelho de Ponte de Lima*, (policopiado), FLUL, Lisboa, 1967, p. 128.

⁹ REIS, António P. dos Matos, *A Romanização do Concelho de Ponte de Lima*, Ponte de Lima, 1978, p. 32.

¹⁰ SANTOS, Luciano A. dos, *Miliários Inéditos da Via Romana de Braga a Tuy*, AAM, 24, IV da III Série, 1979, p. 15.

¹¹ ARAÚJO, José Rosa de, *Os Miliários da Estrada Romana de Braga a Tuy*, DB, 5, 1984, p. 160.

¹² Segundo REIS, António P. dos Matos, *Itinerários de Ponte de Lima*, Ponte de Lima, 1973, p. 44, nesta casa terá nascido Vasco Rodrigues um dos poetas do Cancioneiro Português.

¹³ PIEL, Joseph M., *Nomes de lugares referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo*, RPF, 1(1), 1947, p. 30; PIEL, Joseph M., *Nomes de «possessores» latino-cristãos na toponímia ásturo-galego-portuguesa*, Biblos, 23, Coimbra, 1948, p. 49.

período romano, na figura de uma abastada quinta, um tipo de exploração agrícola que haveria de perdurar, com ou sem interrupções, até ao século XX.

A Nascente da igreja paroquial, numa pequena colina que se destaca no lugar do Pomarinho, está situada a Quinta de Mereces, uma enorme propriedade agrícola que se estende por quase 40 hectares de vinhas e campos dispostos em patamares.

A construção principal é uma casa solarenga, estruturalmente do século XVII, mas que conserva, interiormente, vestígios que remontam ao século XV. Reformulada no início do século XX, quando lhe construíram uma nova varanda, bem como a capela de Nossa Senhora das Graças, que substituiu uma anterior, ostenta, no seu brasão, a heráldica das famílias que a ela estiveram ligadas – Alpoíns, Castros, Regos, Pereiras – com destaque para esta última, pois segundo a tradição, a esta casa esteve ligado D. Afonso, 1º Duque de Bragança, por ter sido casado com a única filha do Condestável D. Nuno Álvares Pereira.

Como aconteceu em muitos outros sítios, esta velha casa senhorial acabou por assentar os alicerces na mesma zona onde, no decurso da Romanização, um «*possessor*» havia cavado os alicerces da sua casa de lavoura. A comprovar tais deduções estão as muitas *tegulae* que aparecem no caminho de acesso à Quinta, no interior desta e nos campos que pelo Sudeste estão subjacentes.

Aqui esteve implantada a casa do *dominus*. O que não sabemos é se o domínio se circunscrevia a um simples casal ou, se pelo contrário, estamos perante uma exploração bem mais ampla como é o caso da «*villa*» agrária.

Olhando para a localização, para o tipo de solos, para a profusão de água e para o espaço que hoje pertence à Quinta de Mereces, parece-nos aceitável, apesar da escassez de elementos arqueológicos, sugerir que a actual Quinta é a legítima herdeira de uma «*villa*» agrária de época romana.

Numa bouça que é atravessada pela estrada municipal que faz a ligação entre Calvelo e Friastelas, apareceram *tegulae* suficientes para se colocar a hipótese de aqui ter havido uma ocupação que pode recuar até à época romana.

Como o topónimo indica, é provável que aqui tenha havido uma capela dedicada a Santa Marinha, virgem e mártir de Antioquia, que uma lenda medieval considera ter sido martirizada em Santa Mariña de Águas Santas (Orense).

No presente, nada há que o confirme. Muito menos há uma memória que alicerce tal hipótese. Se fosse caso disso, as *tegulae* poderiam estar relacionadas com um pequeno templo alto-medieval, à sombra do qual se teriam efectuado enterramentos. No entanto, atendendo à localização – o sítio está voltado a Sul e a Nascente encontra-se o pequeno lugarejo de Vilar de Rei, aos pés do qual corre um dos braços do Neboinho – também é admissível que aqui possa ter havido um pequeno casal tardo-romano. Convirá esclarecer que um pouco mais para Sul, a cerca de três centenas de metros, estão os restos de *villa* romana e de um edifício alti-medieval recentemente encontrados no lugar de Reboledo, freguesia de S. Lourenço do Mato.

O lugar do Ribeiro está situado na parte meridional da freguesia, num espaço compreendido entre a estrada nacional nº 308 (Freixo-cruzamento dos Corvos) e o curso do Rio Neiva, que corre precisamente na base nascente da colina que dá pelo nome de Monte de Couces. Presentemente este espaço é atravessado pela auto-estrada A-3 (Porto-Valença), tendo sido as suas obras que proporcionaram a descoberta de alguns vestígios arqueológicos, sobretudo as *tegulae*.

O sítio onde elas aparecem foi, até tempo relativamente recente, uma zona de mato e pinhal, que crescem num solo formado por granitos alcalinos em adiantado estado de desagregação. Geograficamente podemos defini-la como uma colina de coroa arredondada, vertentes suaves e pouco pronunciadas. Foi, aliás, na aba que está voltada à grande várzea que se estende para Norte, para lá da estrada nacional, que se tem vindo a descobrir *tegulae* junto das casas de habitação, entremeadas de pequenos terrenos agrícolas, hortas e quintais. Mais exposta, mais íngreme, é a

encosta voltada ao curso do Rio Neiva, que corre numa zona de vale pejada de aluviões de formação bem recente.

As *tegulae*, que são o único vestígio arqueológico até ao momento detectado, apareceram com a abertura da estrada e estão patentes nos pequenos terrenos arroteados que se distribuem entre o traçado da auto-estrada e as primeiras habitações. Como se distribuem por um espaço não muito extenso, o admissível é que elas provenham de uma ocupação tipo casal de época romana ou mesmo mais tardia: a Alta Idade Média. A colina, por si só, oferecia garantias de uma boa instalação, ao arpejo das terras encharcadas que ocupavam uma boa parte das agras situadas a Norte e a Sul, bem como uma óptima exposição solar como era apanágio das casas agrícolas de então.

2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A especificidade tipológica de um povoado que apresenta todas as características, aliás, bem peculiares dos «castros agrícolas»¹⁴, (Fig. 9.1) aconselhava a uma intervenção arqueológica capaz de radiografar, o mais realisticamente possível, a área a ser revolvida e destruída pelo traçado da A3. A concretização de tais objectivos se houvesse tempo podia ter sido feita com recurso a metodologias de trabalho que incluíam uma escavação em área. Faltando aquele vimo-nos obrigados a planificar uma série de quadrados com 4x4m ou, em sua substituição, à abertura de valas de sondagem capazes de abarcar uma boa parte da área que seria revolvida, aquela que mais viria a sofrer com os trabalhos da auto-estrada. O factor tempo e a necessidade de não «entravarmos», em demasia, os trabalhos de desmonte e terraplanagem, acabou por ditar a escolha da segunda modalidade, a qual, apesar de não contemplar uma intervenção global, para todos os efeitos, deverá ser considerada como tendo atingido os objectivos pretendidos.

A escolha dos locais para a abertura das valas de sondagem e o escalonamento das mesmas, assentou, sobretudo, em critérios de índole subjectiva. Houve, no entanto, o cuidado, em abarcar o maior espaço geográfico possível, razão porque as valas se apresentam a distâncias que se podem considerar regulares. Ressalvadas foram, contudo, as anomalias topográficas, cujas origens podem ser naturais ou meras demonstrações dos trabalhos idealizados e executados pelos moradores do povoado, no decurso da etapa final da Idade do Ferro. É nesse sentido que as valas, todas elas com 1,5m de largura, têm comprimentos distintos, consoante os sítios onde foram abertas.

Para efeitos de identificação e classificação foi adoptada a sigla CCPL96. Esta, quando desdobrada, traduz o seguinte: as letras CC correspondem a Castro de Cadém, PL a Ponte de Lima e o número 96 ao ano em que a intervenção arqueológica foi efectuada. Foi com esta sigla que foi marcado todo o espólio cerâmico recolhido nas quatro valas e que foi depositado no Museu dos Terceiros de Ponte de Lima, ultimado que foi o seu estudo. O comprimento de algumas das valas obrigou, por sua vez, a um desdobramento da leitura estratigráfica. Com tal medida, cada vala de sondagem que foi numerada com os algarismos 1, 2, 3 e 4, foi subdividida em mais que uma leitura, designada, consoante os casos por Leitura I, II e III.

Todas as valas, à excepção da 4, cuja orientação é Sul-Norte, se direccionam no sentido Nascente-Poente. Variável é também o comprimento de cada uma (Fig. 3).

– V1: 22m de comprimento

– V2: 4m de comprimento

¹⁴ A escavação arqueológica foi realizada por um grupo de estudantes do curso de História, Variante de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto sob a nossa direcção. Decorreu no mês de Abril de 1996, tendo sido os trabalhos preliminares de limpezas e marcação do terreno realizados na última quinzena do mês de Março.

- V3: 30m de comprimento
- V4: 20m de comprimento

2.1. Vala 1 (Fig. 4)

Esta vala é a mais meridional das quatro e foi lançada mesmo no ponto onde os trabalhos da auto-estrada estavam em conflito com o que resta da antiga muralha de terra que separa os dois fossos (Fig. 9.2).

Analisada a sequência estratigráfica patente nesta vala, achamos por bem dividi-la em duas leituras distintas, isto é, em Leitura I e II.

2.1.1. Leitura I

Esta sondagem, situada entre as coordenadas X15 e X22, abarca uma boa parte da antiga muralha de terra que separava os dois fossos, mas que os trabalhos agrícolas realizados na sua base e certamente na plataforma que antecede o talude, quase que conduziram à sua destruição.

Nesta parte da sondagem detectamos somente 3 camadas.

Retirada a camada superficial, situação que levou ao corte de alguns representantes da antiga flora da região, isto é, dos loureiros e dos carvalhos, cedo surgiu o solo natural, aqui constituído por rochas silúricas metamorfozadas, que em alguns pontos, se encontra em franca desagregação. Sob a camada vegetal, onde cresciam ervas e pequenos arbustos, com destaque para as heras, havia uma camada de terra de tonalidade castanho amarelada com bastantes nódulos de xisto e restos de um muro, a nível de alicerce, que presumimos ser o que resta de um muro de divisão de propriedade. É uma estrutura fruste, feita com pedras de grauvaque, mal afeiçoadas, de uma só face e cronologia que não conseguimos precisar, mas que relativamente ao povoado castrejo, parece ser relativamente recente.

Cronologia análoga a este muro, tem o rego cavado nesta camada 2 e que na sua parte inferior atingiu o solo natural. Funcionalmente foi e ainda é um rego que transportava a água da represa, que se situa na base norte do povoado, para os campos de cultivo localizados a Sudoeste do castro.

Em termos estruturais, esta camada é o que resta do antigo enchimento da muralha de terra que havia sido extraída do fosso, que se situava entre esta e o talude. A provar a sua ancestralidade, lá está ainda uma pequeníssima porção de terra castanho escura, a 3, que mais não é que a primitiva camada vegetal que cobria o solo natural à altura em que os trabalhos, dotaram o castro de um sistema defensivo simples mas eficaz.

2.1.2. Leitura II

Esta sondagem situa-se entre as coordenadas X0 e X14 e cortou, em toda a sua largura, o terreno de cultivo apertado entre a estrada camarária e o actual talude que sustenta o rego de água, isto é, a base poente da antiga muralha de terra (Fig. 10).

A relativa linearidade do terreno, com escasso pendor orientado para Poente, justifica-se pelos trabalhos que transformaram esta parte do sistema defensivo num terreno de cultivo. Para o efeito, em data que não conseguimos precisar, recorrendo-se ao surribamento das terras que formavam a muralha de terra, cavando parcialmente o solo silúrico e arrastando as terras para a parte mais baixa, precisamente aquela onde se encontrava o segundo fosso, já bastante atulhado. Assim se entende que a leitura estratigráfica se reduza à escassa camada humosa, que é estéril no que se refere a espólio arqueológico.

Relacionadas com o atulhamento do fosso nº 2, que conduziu à construção do campo e respectivo nivelamento, estão ainda as camadas 2 e 3. A primeira, de tonalidade amarelada e composição xistosa, mostra que foi arrancada da base do talude

(coordenadas X12 e X16). A segunda, mais espessa e com uma tonalidade castanho escura, muito provavelmente é oriunda da parte superior da muralha de terra que separa os dois fossos e que em grande extensão foi praticamente arrasada.

Os estratos que se seguem, entre o 4 e o 10, são anteriores a estas obras e são demonstração do atulhamento gradual do fosso, após o seu abandono. Fosso que conseguimos saber a respectiva profundidade, mas não a sua largura. A razão impeditiva foi a proximidade da estrada municipal que não podíamos cortar, nem tão pouco, mesmo que parcialmente, tornar inoperacional.

De todas estas camadas, aquela que com clareza mostra o atulhamento do fosso, é a 8. A sua tonalidade é o castanho acinzentado e integrava pedra de diferentes tamanhos, mas que pelo corte e afeiçoamento, é similar às usadas nas estruturas habitacionais que se erguiam na coroa do povoado.

O atulhamento definitivo do fosso nº 2 só se pode entender num momento posterior à sua inoperacionalidade defensiva, o que equivale a dizer, que tal ocorreu em simultâneo com o abandono, saque e destruição das estruturas que constituíam o núcleo habitacional do povoado. Assim se compreende a presença da cerâmica castreja, que em nada difere daquela que, em maior ou menor quantidade, está patente nas camadas estratigráficas subjacentes.

Entre os estratos 4 e 8, quatro são as camadas que merecem alguns reparos. A 4, a 6 e a 7 são pequenas bolsas com uma tonalidade que varia entre o amarelo acastanhado e o cinzento escuro. A textura granulosa, no caso das camadas 4 e 6, explica-se pela passagem de águas. A 7, a mais plástica e humosa de todas, reflecte um momento de muito invernias ou encharcamento, motivado por outras razões mas que originou o arrastamento de terras e a consequente deposição das partículas mais finas.

As camadas 9 e 10, com bastante cerâmica castreja, correspondem ao primeiro, lento e gradual atulhamento do fosso, situação que foi acontecendo no decurso da vida útil do povoado. As razões que o motivaram, poderão ter sido múltiplas, mas não podemos ignorar a queda accidental de terras e objectos, o lançamento propositado de detritos e mais acertadamente a acção cíclica das águas das chuvas que, em terreno declivoso, amiúdes vezes ganha foros de enxurrada.

Destas duas camadas, a mais plástica e humosa é a 10. A sua textura e coloração escura mostra que é proveniente da lenta deposição de terras arrastadas pelas águas que ao secarem, depositaram os materiais mais finos que estavam em suspensão. Mais heterogénea e espessa é a 9, de cor castanho amarelada, composta por terras xistosas que foram caíndo no fosso, sem que houvesse o cuidado da sua periódica limpeza. Tal situação, para além de gradualmente diminuir a sua profundidade demonstra que a operacionalidade do fosso deixou de ser prioridade das chefias do povoado, talvez porque as razões que tinham motivado a sua construção, já se encontravam, de certo modo, ultrapassadas.

2.2. Vala 2 (Fig. 5)

Sendo a única das quatro valas onde claramente está definido o fosso aberto na base do talude da coroa e onde restam claros indícios da muralha de terra, optamos por dividir a estratigrafia em três leituras distintas, com a finalidade da mesma ser o mais compreensível possível. Deste modo a Leitura I encontra-se localizada entre as coordenadas X18 e X32, a Leitura II entre a X18 e a X13 e a Leitura III entre a X0 e a X 13. Tal como as demais, esta vala estende-se desde a estrada camarária até à base do talude que circunda a coroa e no seu trajecto obrigou ao abate de uma série de carvalhos e de um sem número de eucaliptos que gradual e progressivamente estão a infestar a área do castro.

2.2.1. Leitura I

Esta sondagem privilegiou essencialmente o fosso nº 1, aquele que foi cavado na base do talude e que se revelou uma vala com 6m de comprimento e uma profundidade que ronda os 2,5m em relação à muralha de terra.

Analisada a estratigrafia esta revelou a presença de nove camadas de terra, quase tantas como as que compõem a Leitura III, aquela que retrata o interior do fosso nº 2.

Tal como noutros pontos do povoado, também aqui a camada vegetal se apresenta pouco espessa, coberta de ervas e de detritos, os quais foram previamente limpos. Abaixo dela apareceram duas camadas de incêndio, a 2 e a 4, separadas por um estrato, também ele pouco espesso, constituído por terra castanho escura. As duas camadas com cinzas e carvões refletem bem dois distintos momentos em que o arvoredo e o mato do castro arderam, o último dos quais em data que se pode considerar bem recente.

Camadas que se podem apontar como sendo o produto de um enchimento acelerado, diríamos mesmo propositado, são as 5 e 6. A primeira tem uma coloração castanho amarelada, a segunda tende mais para o castanho, só que com bastante mais argila e pedra, percentualmente mais concentrada junto ao talude. Tal deposição entende-se se pensarmos que as pedras provêm das estruturas que havia na coroa. A sua queda, que pode ser simplesmente acidental, ocorreu no momento em que as casas e muros da área habitacional foram desmantelados, nomeadamente aquele que no cimo do talude apoiava o sistema defensivo.

Camadas relacionadas com um primeiro abandono do sistema defensivo são as três que se seguem. Espessa, sem dúvida, é a 9, formada por terra argilosa de cor castanho/amarelada onde estão patentes nódulos de xisto e alguma cerâmica. Sobre ela viria a formar-se a 8, uma fina camada de terra castanho escura, bastante humosa e que mais não é do que a camada vegetal que durante algum tempo esteve sujeita às intempéries e mesmo a incêndios, como parece ser a camada 7, de tonalidade fortemente acinzentada, onde não faltam carvões. Tanto esta camada como as que lhe estão sobrepostas, até à 5, forneceram cerâmica castreja, toda ela feita com o auxílio da roda de oleiro.

2.2.2. Leitura II

Situada, como já dissemos, entre as coordenadas X13 e X18, privilegia somente o espaço da antiga muralha de terra, bastante danificado é certo, mas que mesmo assim ainda mostra algo da sua anterior composição.

Desmantelada de ambos os lados, provavelmente quando se construiu o campo de cultivo situado na sua base poente – é possível que o espaço do antigo fosso nº 1, também ele nivelado, tivesse tido um aproveitamento análogo em data não precisável – conserva somente, como original, a camada 2. As terras que a compõem são do tipo amarelo xistoso com bastantes nódulos oriundos do interior do fosso. A outra, a 1, não é mais que a terra vegetal que viu ser-lhe introduzido o rego de água, o mesmo que está patente nas valas 1 e 3.

2.2.3. Sondagem III

Esta sondagem abarcou todo o campo de cultivo desde a base da antiga muralha de terra até à estrada camarária (coordenadas X13 – X0). No topo poente haveria de aparecer o segundo fosso ou mais acertadamente o segundo talude do povoado, neste caso o mais exterior, que haveria de descer até à linha de água, a mesma que na actualidade está do outro lado da estrada camarária.

Com 3m de profundidade em relação ao começo do talude e não escavado na totalidade, porque a água das infiltrações da vizinha represa e linha de água inundaram o fundo, apresenta uma estratigrafia composta por dez camadas e uma boa quantidade de cerâmica indígena, maioritariamente concentrada nos estratos inferiores.

Abstraíndo-nos das camadas 1, 2 e 3, que são produto do surribamento da muralha de terra e do arrastamento das terras cortadas na base da mesma quando se fez o campo de cultivo, ficam as restantes, aquelas que através dos séculos foram atuando, gradual ou mais aceleradamente, o fosso e base do talude.

De todas as camadas que se estendem até à 10, todas elas são fruto de deposições, lentas ou apressadas, motivadas pela água, o principal agente que arrastou terras e materiais. Assim se explica o crescendo da cerâmica castreja, os vestígios da passagem e deposição arenosa concentrada em certos pontos, a presença de carvões e de pedras, algumas das quais apresentam um certo afeiçoamento e tratamento da face que estava voltada ao exterior da construção.

2.3. Vala 3 (Fig. 6)

Das quatro valas, nos seus 30m, é a segunda de maior extensão. Foi lançada, desde o princípio da coroa até ao começo do rego de água cavado na base do segundo talude, aquele que antecedia a poça de água situada no seu sopé¹⁴. Pretendia-se com tal vala, traçar uma radiografia, o mais completa possível, da pequena plataforma que antecede o talude que rodeia a coroa e onde era suposto haver vestígios da muralha de terra que, por norma, separava os dois fossos. Afinal a escavação acabaria por demonstrar quão errados estávamos, pois nesta parte do povoado não havia, nem fossos e muito menos a tal muralha de terra. Mas especifiquemos.

Liberto o terreno da vegetação que neste ponto era composto por alguns carvalhos e uma já avassaladora massa de eucaliptos, cedo ficou claro que numa extensão considerável não havia estruturas arqueológicas, nem indícios de as ter havido.

Retirada a camada 1, desde o topo do talude até ao rego de água, cedo ficou à mostra o solo xistoso, em desagregação em certos pontos, situação a que não foi alheia a acção das raízes das árvores.

Abstraíndo-nos desta e da camada 7, que só esporadicamente surge em certos sítios da vala e que mais não é que o solo natural desagregado e misturado com terra da antiga camada vegetal, ficam-nos as outras, todas elas centradas na base do talude, onde presumivelmente estaria o fosso. A única excepção está na camada 2, de tonalidade castanho clara, que aparece na parte mais alta do talude, em contacto com a coroa que pensamos tenha sido agricultada em tempos posteriores ao abandono, presumivelmente num período que poderá ser identificado como pós-medieval.

Se assim aconteceu, então esta camada é fruto de revolvimentos ocorridos na coroa, da qual terão sido expelidos os materiais e terras tidos em excesso.

A destruição do muro está aqui representada pela camada 3, de tonalidade castanho amarelada. É nela que se encontram algumas das pedras que entravam na composição do murete, cujos alicerces assentam no solo natural, xistoso, para o efeito cavado e adaptado (Fig. 7). Juntamente com a pedra há que contabilizar ainda alguma cerâmica castreja oriunda da coroa do povoado.

Se esta camada marca a destruição da parte superior do muro, não explica o atulhamento do curto fosso que lhe está subjacente. Este, com 1,15m de largura e uma profundidade de 1,50m, foi cavado no solo xistoso, para obstar à progressão para o talude, no que era apoiado pela presença física de um murete com bem maior altura que a actual.

Abaixo da camada de destruição do muro havia ainda os estratos 4, 5 e 6, todos eles confinantes ao espaço físico do fosso.

A camada 4, a encostar ao muro, tem uma coloração castanho avermelhada. Pertencem-lhe algumas pedras que haviam tombado do muro. A 5, com uma coloração acastanhada, possuía algumas cinzas, bem como cerâmica castreja. A 6, por sua vez, quase não diferia das duas anteriores.

¹⁴ Esta poça, como ficava em plena via da auto-estrada, foi destruída pelos trabalhos da mesma. Foi reconstruída na base exterior do traçado da estrada camarária.

Em conclusão, são camadas que se formaram após a desactivação do estreito fosso. Este, por sua vez, em conjugação com o muro erguido na base do talude, eram um obstáculo de bem difícil transposição, caso aquele tivesse uma altura bem superior à actual e próxima dos 3m. De qualquer modo a funcionalidade deste sistema só resultaria caso o fosso estivesse liberto de terras e a vertente oposta numa cota muito próxima da actual. Assim sendo, nem saltando se conseguiria atingir o talude e assim «invadir» o espaço habitável, que era a coroa.

2.4. Vala 4 (Fig. 8)

Esta vala tem uma orientação em diagonal em relação à anterior e em direcção à represa que capta as águas de uma nascente situada na base norte do castro. Daqui das eram encaminhadas para os campos de cultivo, servindo de escoamento o rego referenciado nas valas 1, 2 e 3.

De todas elas, esta é a mais curta – tem somente 20m de comprimento – mas uma das que mais dados científicos forneceu, já que nos seus 2,25m de profundidade foi recolhido um valioso espólio cerâmico, claramente representativo da olaria usada neste povoado no câmbio da Era.

Retirada a camada superficial, isto é, a camada vegetal, cedo ficou à mostra o solo xistoso, muito irregular, pois era formado por rocha em desagregação. Este acompanha a curvatura natural do terreno, que só a partir do início do declive é que sofreu alterações, naturalmente provocadas pela acção do Homem, que cortou e surribou para fazer um talude de razoável inclinação e na base cavaria um fosso que mostra ter alguns particularismos.

Subjacente à camada vegetal, deparamos com a camada 2, heterogénea na sua cor castanho clara e na sua composição, embora predominem os nódulos de xisto e estejam presentes algumas pedras graníticas provenientes das partes mais altas e habitadas do castro. De abandono, como a anterior, é igualmente a camada 3, mais espessa junto ao talude, o que se compreende se tivermos presente que a sua formação está relacionada com a queda de terras, muitas delas arrastadas pelas águas. É uma camada de tonalidade castanho amarelada, onde já começam a aparecer as cerâmicas castrejas, quase todas elas com sinais de terem tido um uso bastante intenso nas cozinhas do povoado. A sua presença facilmente se explica pelos arrastamentos colaterais que foram vulgares no castro devido à presença dos taludes.

Mais complexa é a análise da camada 4. Esta, pela sua espessura e composição – terra castanho avermelhada, homogénea e plástica – parece tratar-se de uma antiga muralha de terra que posteriormente teria ruído para o interior do estreito fosso. Só que a contradizer esta hipótese está a camada 5, também ela a invadir o espaço físico do fosso, mas com a agravante de se infiltrar por debaixo da 4. Ora, em termos funcionais, tal solução nunca seria viável, porque utilização e abandono, em simultâneo, são situações que não se conjugam. Resta-nos então a hipótese, perfeitamente admissível, de no término do fosso não haver qualquer outra obra defensiva, porque se trata do fosso mais exterior e porque confina com uma linha de água, à época bastante mais caudalosa que no presente.

Aceite este princípio, teremos então de admitir que esta terra que veio selar em definitivo o antigo fosso, até pela sua textura, é o que resta de um pequeno espaço agrícola, como os que se estendem para Nascente, hoje a mato, que beneficiava da proximidade da água para uma melhor rentabilização da produção agrícola.

Directamente relacionados com o abandono do fosso estão as camadas 5 e 6. A primeira, consoante o demonstra a cor amarelada e a composição, resulta da gradual desagregação da parede do talude que naturalmente foi caindo, após a sua desactivação e certamente do povoado. Não é por acaso que, de todas as camadas desta vala, seja a que percentualmente mais cerâmica castreja forneceu. Mais localizada, até por-

que só cobre a parte inferior do fosso, está a 6, também ela com uma tonalidade castanho avermelhada, por vezes de textura bem plástica, situação que permitia a retenção da humidade. A cerâmica que aqui havia em nada difere da encontrada nas demais camadas desta e das outras valas.

Uma observação mais atenta à parte inferior do fosso, principalmente à sua largura e profundidade, torna-se claro que, em termos de funcionalidade, este nada tem a ver com os demais, à excepção do fosso 1 da vala 3. Ambos, na verdadeira acepção da palavra, mais que fossos no sentido tradicional dos «castros agrícolas», não passam de regueiros cavados na base dos respectivos taludes. No caso vertente, parecem-nos crível, que tenha tido um tratamento análogo ao já apontado fosso 1 da vala 3, mas sem excluir a forte possibilidade de ter sido aproveitado como rego de água, que seria captada alguns metros mais para Nascente, onde já havia suficiente cota para que esta fluísse com relativa facilidade.

3. MATERIAIS

Os materiais arqueológicos recolhidos no decurso da intervenção arqueológica são, na quase totalidade, fragmentos cerâmicos de técnica e fabrico castrejo. Raros são os conotados com a Romanização, incluindo, necessariamente, a *tegula* e o *imbrex*. Todos eles, sem qualquer excepção, provêm das valas abertas e acima assinaladas, o que equivale a dizer que todos eles estão descontextualizados e obviamente não relacionados com estruturas e ambientes culturais. O seu estudo deverá ser, portanto, encarado mais no âmbito da realidade tipológica, buscando-se para o efeito paralelismos em outras estações para o seu enquadramento crono-cultural.

As formas detectadas são aquelas que mais vulgarmente se conhecem na cozinha castreja. Maioritariamente as peças surgem-nos queimadas e com as superfícies fuliginosas, sinais mais que evidentes de terem ido ao lume. Para isso contribui também o tipo de formas utilizadas e que no caso vertente se circunscrevem às panelas de asa interior com o fundo plano bem reforçado, os potes de perfil em S, as caçoilas e as panelas de asa em orelha para suspensão. Fazendo parelha com o material de cozinha temos as copas, potinhos e os *dolia*, estes destinados a armazenamento, mas que em alguns casos também foram utilizados na confecção dos alimentos.

Aspecto a ter em conta e que denuncia uma certa pobreza é a reparação que algumas das peças sofreram através da colocação de remendos metálicos, os conhecidos «gatos». Exemplar é o caso de um pote que, após ter sido reparado, os «gatos» foram cobertos com barro, refazendo-se assim a superfície da peça.

- Púcaro. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa fina. Boa cozedura. Superfícies polidas. CCPL 96/V2 F2/5. Fig. 12.1.
- Dolium. Bordo em aba, oblíquo, com pequeno ressalto na passagem para o colo. Pasta castanha, micácea, arenosa de grão médio. Boa cozedura. Superfícies alisadas e parede exterior queimada e fuliginosa. CCPL 96/V2 F1/6. Fig. 13.2.
- Panela de asa interior. Fundo ligeiramente côncavo e reforçado. Pasta castanha, muito micácea, arenosa. Boa cozedura. Superfícies alisadas; superfície externa queimada e fuliginosa. CCPL 96/V2 F1/6. Fig. 13.1.
- Panela de asa em orelha para suspensão. Bordo em fita lançado para o exterior com asa em orelha espessada. Pasta castanha, homogénea, micácea, arenosa fina. Boa cozedura. superfícies polidas, queimadas e com fuligem no exterior. CCPL 96/V2 F1/6. Fig. 12.3.
- Pote. Bordo boleado, voltado para o exterior. Colo alto. Perfil em S. Decoração cordada na passagem para o bojo. Pasta castanha escura, micácea, arenosa fina. Cozedura razoável. Superfície alisada, fazendo realçar as palhetas de mica. Paredes queimadas e com fuligem no exterior. CCPL 96/V2 F1/7. Fig. 11.3.
- Caçoila. Bordo bilobulado para aplicação de testo. Paredes arqueadas lançadas para o

- interior e espessando para o bordo. Pasta com superfícies castanho-alaranjadas e cerne cinzento escuro, micácea, arenosa. Boa cozedura. Superfícies alisadas. Parede exterior queimada e fuliginosa. CCPL 96/V2 F1/8. Fig. 11.2.
- Pote. Bordo com pequena aba horizontal, espessado, boleado e virado para o exterior. Paredes arqueadas e espessando para o bordo. Ao nível do colo apresenta cinco orifícios correspondentes a reparações por «gato». Depois de feita a reparação os «gatos» foram cobertos com barro, tanto na superfície interna como na externa. Pasta acastanhada, muito micácea, arenosa. Boa cozedura. Superfícies alisadas e queimadas, com fuligem no exterior. CCPL 96/V2 F1/8. Fig. 12.4.
 - Potinho. Bordo boleado, voltado para o exterior. Pasta castanha, micácea, arenosa fina. Boa cozedura. Superfícies polidas. Parede exterior queimada. CCPL 96/V2 F1/8. Fig. 11.1.
 - Copa. Fragmento que engloba o bordo, parte do bojo e uma asa. Bordo boleado, voltado para o exterior. asa de secção pentagonal, mas com os ângulos boleados que arranca do bordo. Pasta castanha, muito micácea, arenosa. Boa cozedura. Superfícies alisadas. CCPL 96/V2 F1/9. Fig. 12.2.

4. CONCLUSÕES

A radiografia que realizamos no sistema defensivo do «castro agrícola» de Cadém, acabou por comprovar as hipóteses que desde a intervenção efectuada no castro do Eirado, freguesia da Correlhã¹⁵, tínhamos vindo a expôr e que mais detalhadamente desenvolvemos no estudo sobre a Proto-História e a Romanização da Bacia Inferior do Lima¹⁶.

Nesta altura, final da década de oitenta, já o conhecimento que tínhamos sobre a tipologia e cronologia dos denominados «castros agrícolas» tinha sofrido uma certa evolução com as intervenções que havíamos realizado na Cidade de Vitorino das Donas (Ponte de Lima), na sua congénere de Lanheses (Viana do Castelo), bem como no castro onde se encontra instalado o forte de Lobelhe (Vila Nova de Cerveira). Posteriormente seria no castro da Picarreira, freguesia de Carapeços (Barcelos), onde obteríamos preciosas informações quanto ao modo como funcionavam as estruturas defensivas existentes no cimo do talude que rodeia a área habitacional, quando descobrimos intacta uma boa parte desse tipo de muralha.

As valas que abrimos no sector poente e noroeste do castro de Cadém, permitem-nos, com toda a clareza, afirmar que o seu sistema defensivo, na globalidade, se enquadra na tipologia dos «castros agrícolas». A comprová-lo lá está a pequena coroa aplanada, onde estiveram implantadas as estruturas habitacionais e a defendê-la um impressionante conjunto defensivo formado por taludes, fossos e uma muralha de terra. Bem conservado ainda, em quase toda a sua extensão, está o talude, que em pendor mais ou menos agressivo, consoante os sítios, rodeava totalmente a coroa. Esta na actual configuração – o pinhal e o mato em certos pontos dificultam a observação – parece-nos ser fruto de uma certa limpeza cirúrgica motivada pelo roubo sistemático da pedra, valiosa numa zona onde predominam os xistos, para posteriormente ser agravada com a sua mais que provável adaptação a terreno de cultivo. Esta nossa impressão, que só poderá ser comprovada após sondagens arqueológicas mais consistentes e alargadas, baseia-se no facto de ter desaparecido a parte superior do talude que defendia a acrópole e que encontra paralelos, em óptimo estado de conservação, no castro da Picarreira (Carapeços-Barcelos) e que se intuía nas cidades de Lanheses e Vitorino das Donas e obviamente no castro do Eirado. No caso das duas cidades, o muro, que pelo lado interior amparava a terra e a não deixava resva-

¹⁵ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, Estudos Regionais, 7/8, Viana do Castelo, 1990, pp. 100-105.

¹⁶ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, op. cit., p. 257 e segs.

lar para o sector habitacional, encontrava-se a nível de alicerces. Tinha, é certo, desaparecido no castro do Eirado, mas parte da pedra que lhe havia pertencido, havia caído no fosso e o negativo do muro estava bem explícito na parede da vala que aí abrimos¹⁷. No caso vertente, nada podemos adiantar porque a vala nº 3 não ultrapassou o topo do talude, mas o facto de haver bastante cerâmica caída nos fossos e mesmo a presença de alguma pedra, faz-nos admitir que os revolvimentos da coroa terão sido mais profundos que o cientificamente desejável.

Demonstrado ficou que o talude foi cortado numa inclinação, que em termos defensivos, se pode considerar aceitável. Para isso contribuiu a natureza silúrica do solo, que facilitou o trabalho de surribamento e o cavamento dos fossos com instrumentos, que embora já fossem de ferro, não tinham o grau de corte e a funcionalidade dos actuais.

A tipologia destes povoados diz-nos que na base do talude era sempre cavado um fosso de largura e profundidade variável. Olhando para os resultados desta intervenção, poderemos afirmar que este princípio foi observado, embora com alterações de pormenor na área onde foi lançada a vala 3 e a parte superior da vala 4. Correspondem elas a uma pequena plataforma que se situa zona ocidental do castro e que se alonga da base do talude até à periferia da represa de água. Neste espaço a solução defensiva encontrada foi outra, embora no essencial se tivesse conservado o princípio que a um talude anda sempre associado um fosso. Mas pormenorizemos.

É visível, mesmo sem intervenção arqueológica, que em redor da coroa e na base do talude, existiu um largo fosso, parcialmente atulhado na actualidade, que circunda, ainda hoje, a quase totalidade a coroa. A sua interrupção deu-se precisamente no ponto atrás indicado, isto é, quando se deparou com a plataforma rochosa, para voltar a ser evidente uma boa dezena de metros mais a Norte, na proximidade da nascente de água.

A vala de sondagem acabaria por demonstrar que a alteração do projecto existiu de facto. Confrontados com o obstáculo da massa xistosa, os construtores do sistema defensivo do povoado optaram por abrir somente um estreito fosso com 1,50m de largura por 1,25m de profundidade, reforçado na base do talude com um muro encaixado no solo xistoso. Tinha uma só face e a sua largura poderia rondar os 0,70m. Conjugados os diversos factores e caso o muro tivesse uma altura que rondasse os 3m, a ascensão à coroa seria de extrema dificuldade.

Mas se pensarmos bem e analisarmos a topografia deste sector do povoado, torna-se claro que a mudança de planos nada teve de extraordinário e que mesmo com o estreitamento do fosso em nada diminuía a solidez defensiva. É que nesta parte do povoado a primeira e grande defesa estava precisamente na própria plataforma, que em certa media, se pode considerar uma pequena asa algo análoga à da cidade de Lanheses. Neste caso específico, como aqui, a plataforma encontra-se em cota inferior à coroa e era defendida por um talude, quase vertical, voltado a uma linha de água. O que ocorria na cidade de Lanheses, repete-se aqui e de tal forma, que o acesso a partir da represa, por ser quase vertical, se pode considerar de difícil transposição.

Por resolver ficam as respostas acerca da utilidade prática desta plataforma. Acrescento habitacional ou área destinada a redil de gado dos moradores do castro? Qualquer uma das hipóteses é perfeitamente viável, embora nos inclinemos mais para a segunda. De qualquer modo o grau de destruição da camada que cobre o afloramento rochoso é de tal ordem que não permite tirar ilações numa estratigrafia pouco consistente e credível.

¹⁷ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de et alii, *Castro do Eirado – Correlhã (Ponte do Lima)*, APL, 1990.

A clássica tipologia destes povoados aponta para a existência de uma muralha em terra, de altura variável, construída com a terra surribada do talude e com a extraída dos fossos. Estes posicionavam-se na base da muralha. O primeiro encaixado entre aquela e o talude, o segundo na sua base exterior. Salvo o castro do Eirado, a cidade de Deião (Viana do Castelo) e o forte de Lobelhe onde os trabalhos agrícolas os destruíram totalmente, nos demais povoados desta família estes elementos estão ainda bem presentes, nomeadamente no castro da Picarreira, nas cidades de Lanheses e Vitorino das Donas e obviamente aqui.

Uma ronda pela base do talude, mostra-nos que do outro lado do fosso houve uma muralha em terra, bem conservada ainda em largos espaços do seu circuito. A única excepção ocorre precisamente do lado poente, no sítio onde se encontra a plataforma atrás mencionada. Aqui, como já vimos, as soluções técnicas foram outras e as razões que conduziram ao não cavamento de um fosso similar ao do restante circuito, servem igualmente para justificar a ausência da muralha de terra. Presença que, como é bom de ver, não se justificava em virtude de haver um segundo talude na vertente voltada à linha de água onde actualmente se encontra a represa.

Exteriormente à muralha de terra, mas não positivamente colado à sua base, como ocorria na cidade de Vitorino das Donas¹⁸, cavaram os moradores do castro de Cadém um segundo fosso, com uma profundidade assinalável, que não conseguimos observar na globalidade por causa da proximidade da estrada camarária e pelo facto de na vala 2 ter começado a nascer água.

Nesta parte do povoado, mais que um fosso, pensamos que foi construído um segundo talude que descia até à linha de água que lhe corria na base, mas que os posteriores trabalhos relacionados com a construção dos campos e com o traçado da estrada camarária haveriam significativamente de alterar. Se outros objectivos esta intervenção não alcançassem, demonstrado ficava que pelo menos a topografia deste lado do castro, foi muito alterada nos séculos seguintes ao seu abandono.

Não poderemos acabar esta breve análise sem tecermos alguns considerandos acerca da economia e da cronologia do povoado.

Como o próprio enquadramento tipológico o sugere este povoado foi implantado na periferia de uma potencial zona agrícola e num ponto onde facilmente se poderiam abastecer de água. Não restam dúvidas que as nascentes que abasteciam o castro se encontram na base norte e com um caudal mais que suficiente para as necessidades quotidianas de algumas dezenas de moradores.

Em termos de grandeza é obvio que se trata de um pequeno habitat de escassas casas que se distribuíam pela coroa. Mas se atentarmos nos demais – castro de Mariz (Barcelos), Outeiro dos Picoutos (Fonte Boa), (Esposende), cidade de Deião (Viana do Castelo), castro de Baixo (Labruja), castro de Bárrio e castro de Cepões (Ponte de Lima) e castro da Picarreira (Barcelos) – todos eles são de pequena dimensão. Da mesma família, só que maiores, são as cidades de Lanheses e Vitorino das Donas e o forte de Lobelhe.

A economia base deste tipo de povoados era a agricultura, complementada com a criação de ovinos, caprinos e em certa medida os bovinos. Era um povoado pobre como o demonstra a ausência de materiais de importação, à excepção de alguns fragmentos de ânfora e a duvidosa qualidade das cerâmicas indígenas.

A sua localização, na periferia de um território agrícola, como é aquele onde hoje se encontra o actual lugar de Cadém, explica-se pelo facto de os terrenos a transformar em solos aráveis, se situarem todos eles a menos de trinta minutos de marcha e mesmo alguns deles a beijarem o sopé do castro. Nas suas costas estendia-se uma vasta área florestal, susceptível de fornecer toda a complementaridade necessária a

¹⁸ ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *op. cit.* pp. 82-98.

um povoado de agricultores, que precisava de lenha, frutos, caça e de pastos para os animais que criava.

Finalmente uma palavra para a cronologia.

Analisado o espólio recolhido, somos obrigados a concluir que estamos perante mais um povoado que foi construído no decurso do séc. I a.C, mas com fortes possibilidades de já ter ocorrido na sua segunda metade. Para a atribuição desta cronologia, contribui o facto de a cerâmica analisada ser, na sua quase globalidade, de fabrico indígena, mas feita já com o auxílio da roda de oleiro. A tipologia das formas, o acabamento das peças e a adopção de motivos plásticos do tipo cordão decorado em espinha, aliado à presença de motivos decorativos à base de matriz, aponta para uma cronologia que tem o seu epicentro no séc. I a.C., mas com uma perduração para lá do câmbio da Era.

Se o seu início se pode intuir através destes materiais, o mesmo não poderemos dizer quanto ao seu término. A ausência de materiais de importação e a escassa presença de materiais da romanização, não nos deixa grandes espaços de manobra. Todavia os poucos fragmentos de ânfora de pasta beije, a meia dúzia de cacos de cerâmica comum e os escassos bocados de *tegula* e *imbrex*, dizem-nos que o povoado ainda estaria operacional no decurso do Alto Império. Até quando é que não sabemos.

ABREVIATURAS:

AAM – Arquivo do Alto Minho, Viana do Castelo

APL – Arquivo de Ponte de Lima, Ponte de Lima

DB – O Distrito de Braga, Braga

ICGM – I Colóquio Galaico Minhoto, Ponte de Lima

CASTRO DE CADÉM (CALVELO) – A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DE 1996

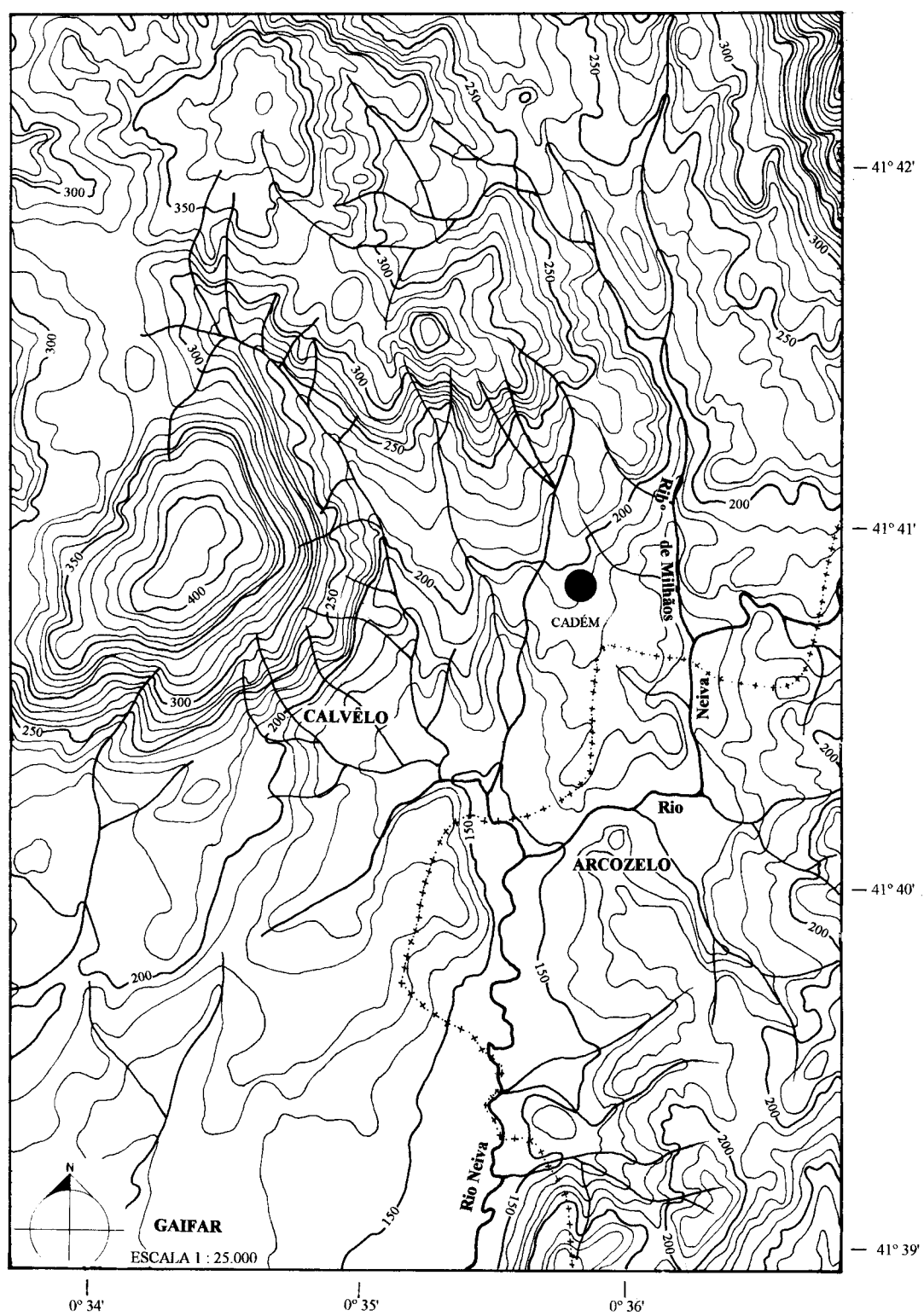
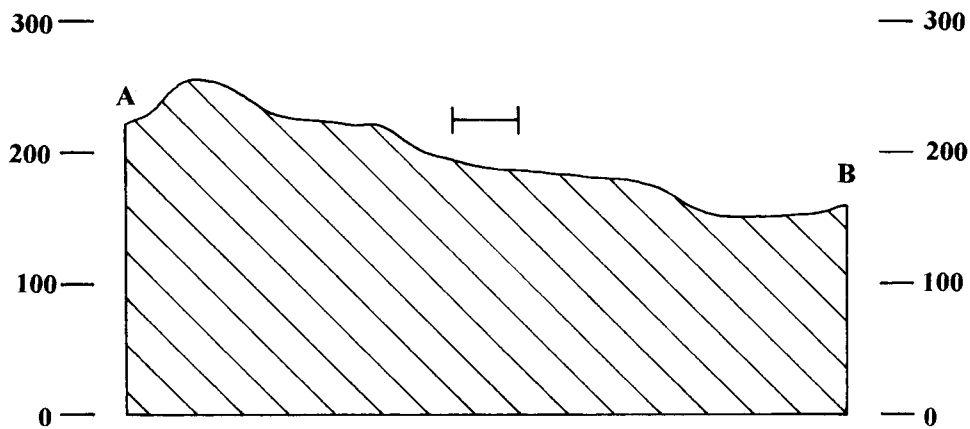
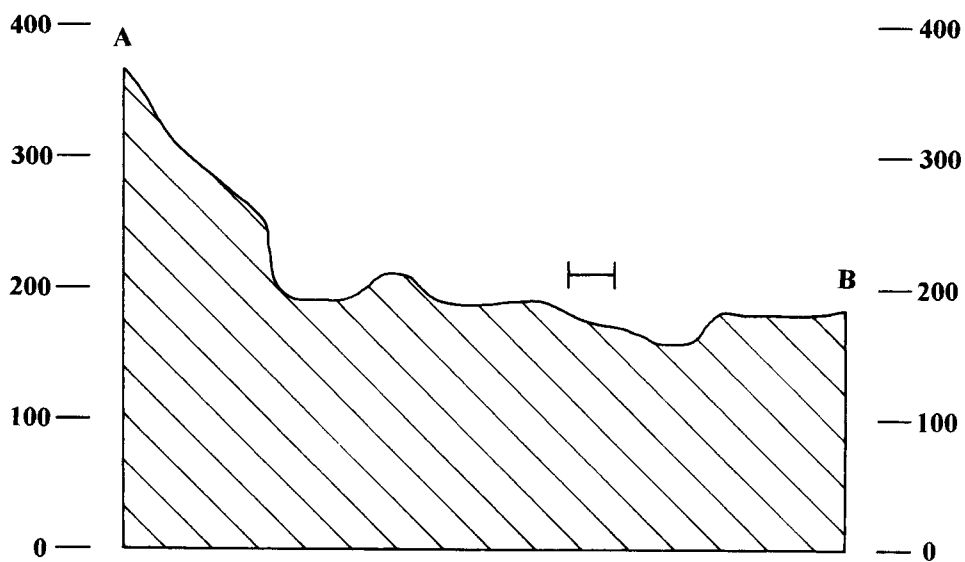
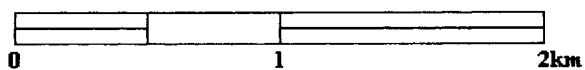


Fig. 1

PORTUGALIA



EIXO - LAT. 0° 35' 51''
A - LONG. 41° 34' 9''
B - LONG. 41° 40' 10''
SENTIDO DO CORTE N-S



EIXO - LONG. 41° 35' 7''
A - LAT. 0° 34' 13''
B - LAT. 0° 35' 58''
SENTIDO DO CORTE O-E

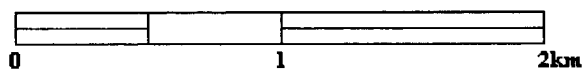


Fig. 2

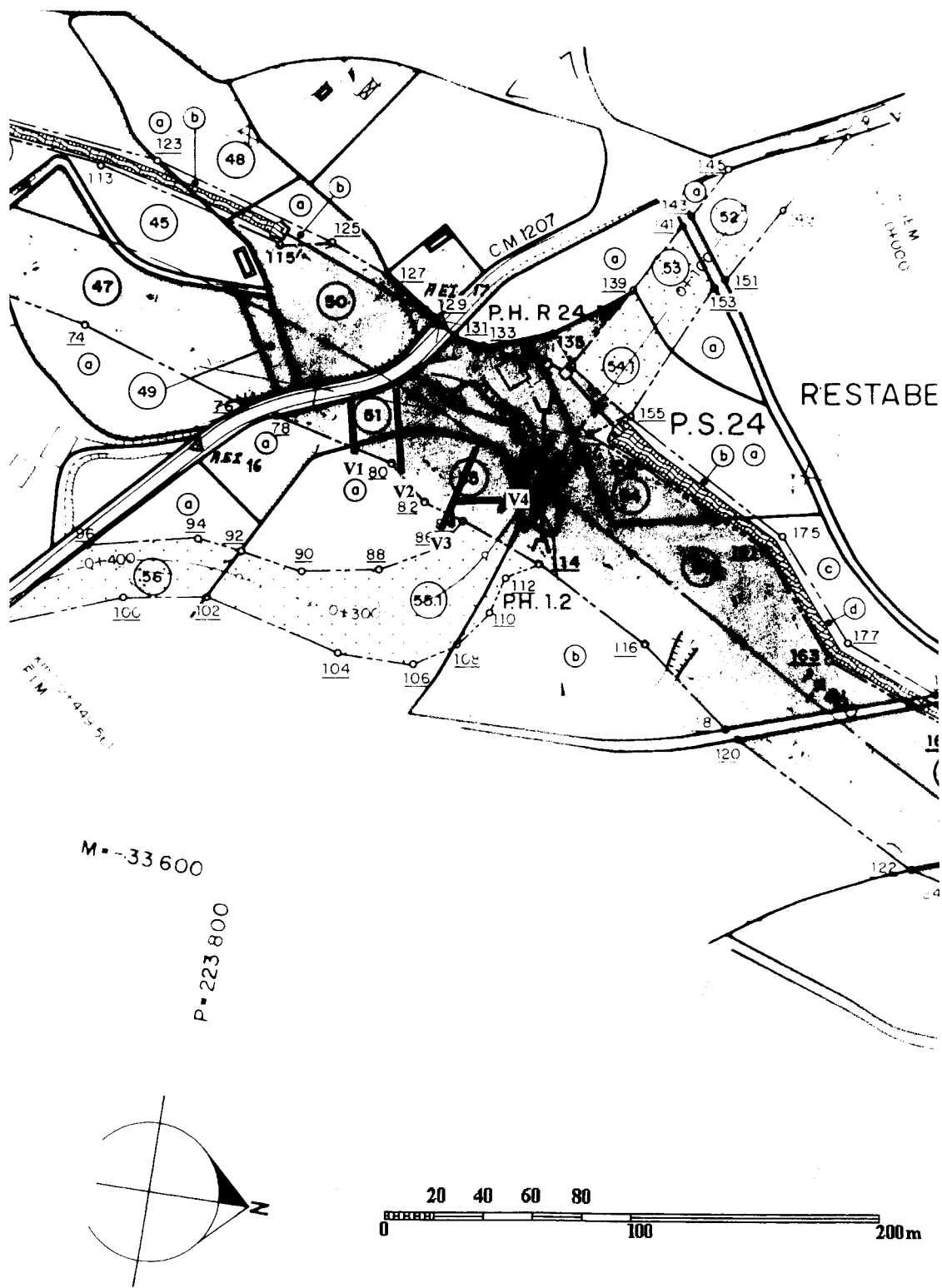


Fig. 3

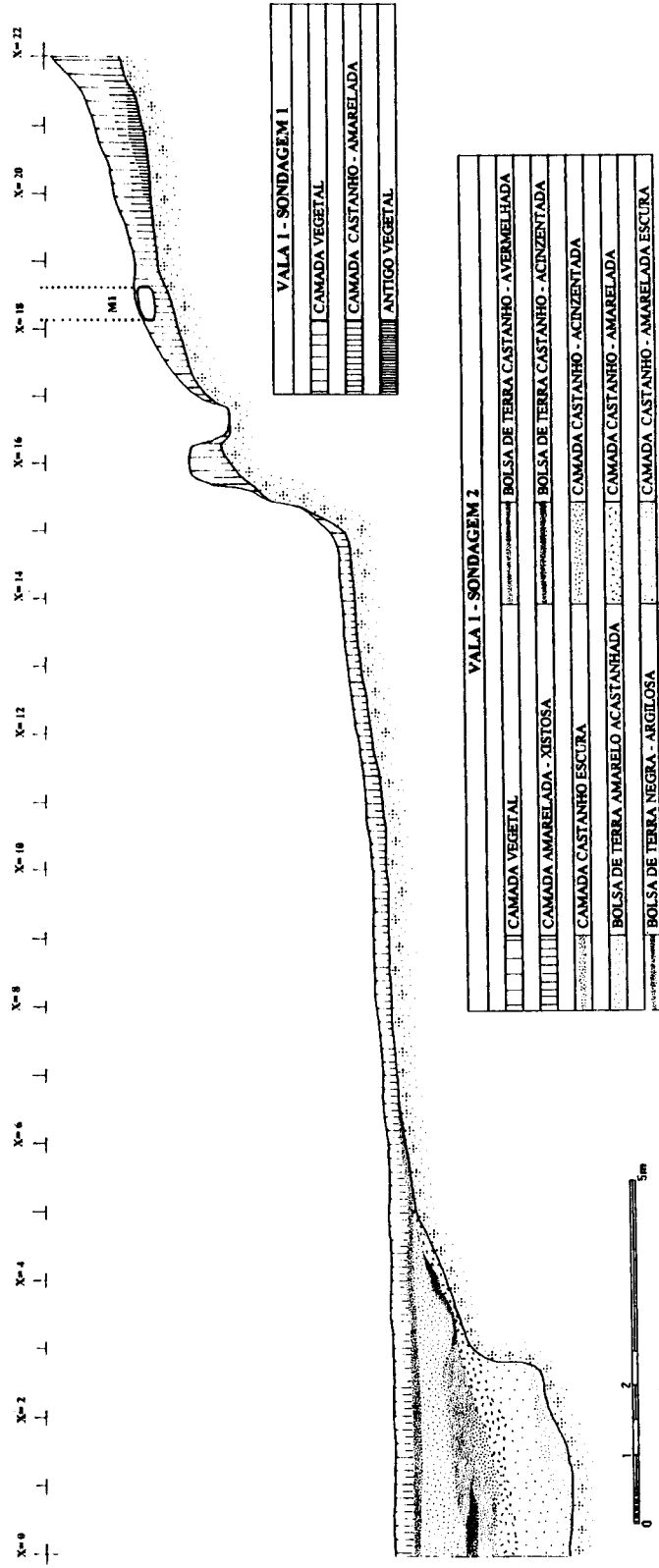


Fig. 4

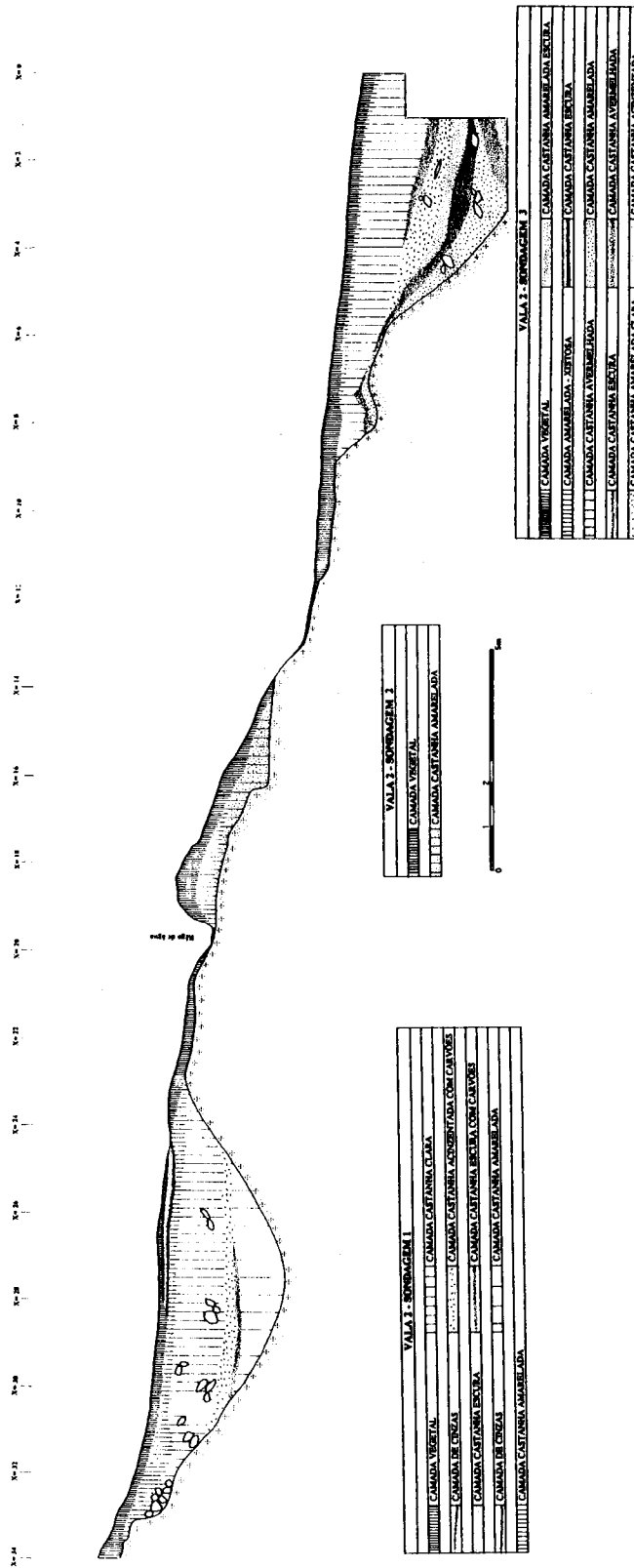


Fig. 5

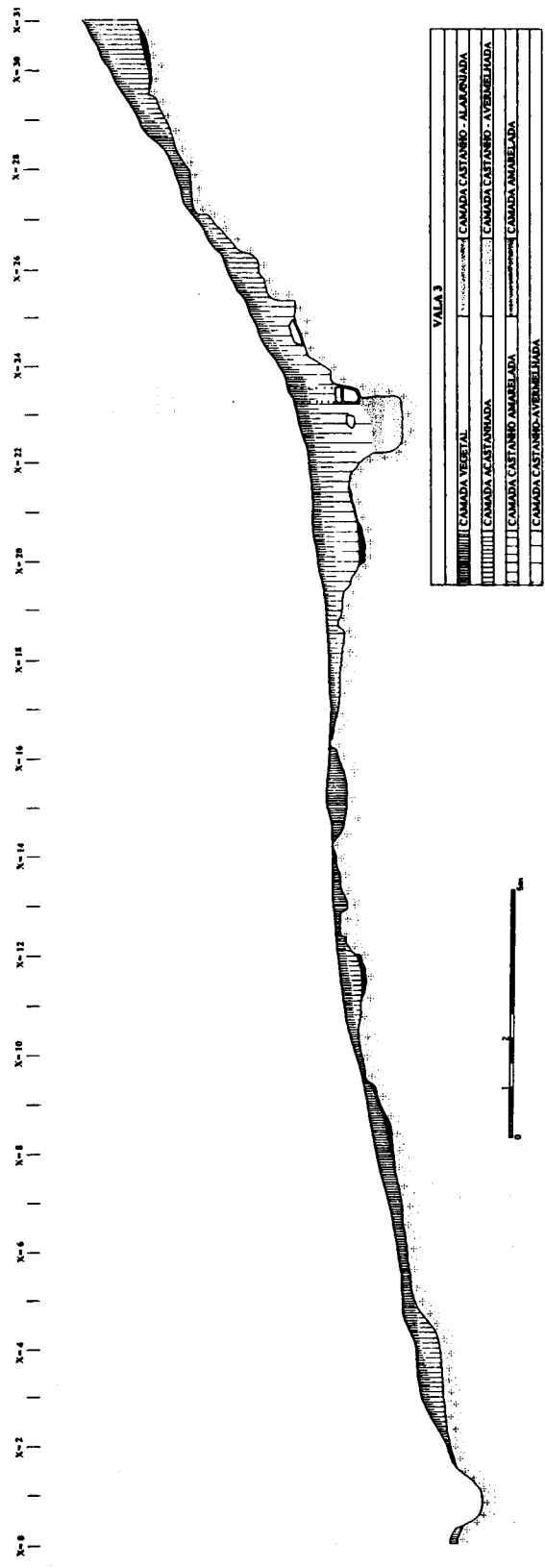


Fig. 6

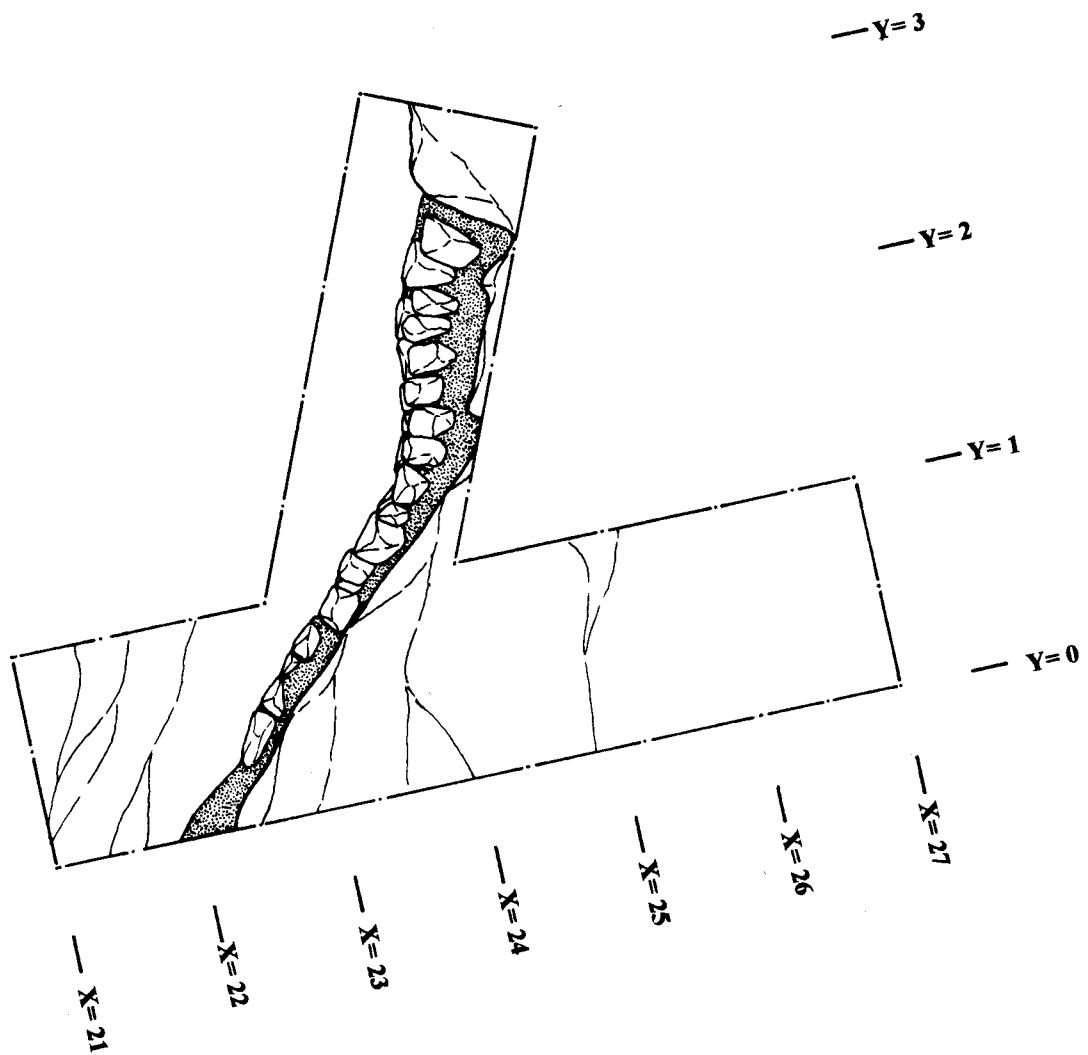


Fig. 7

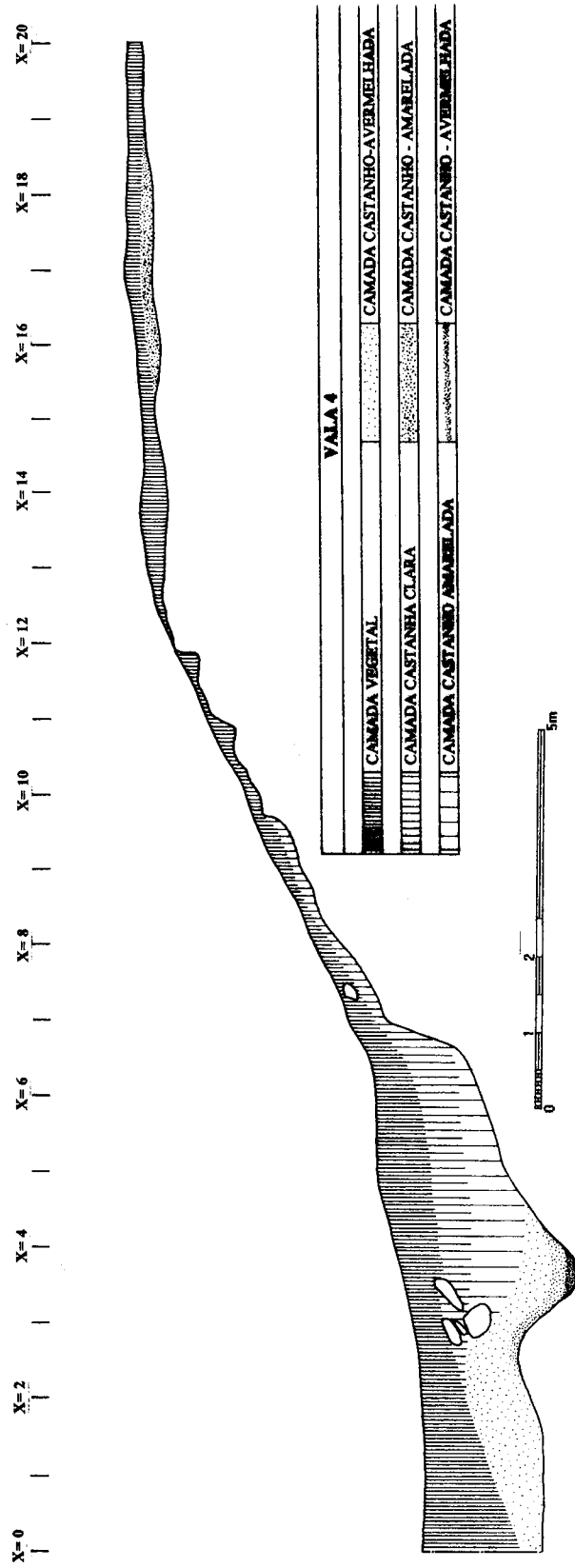


Fig. 8



Fig. 9

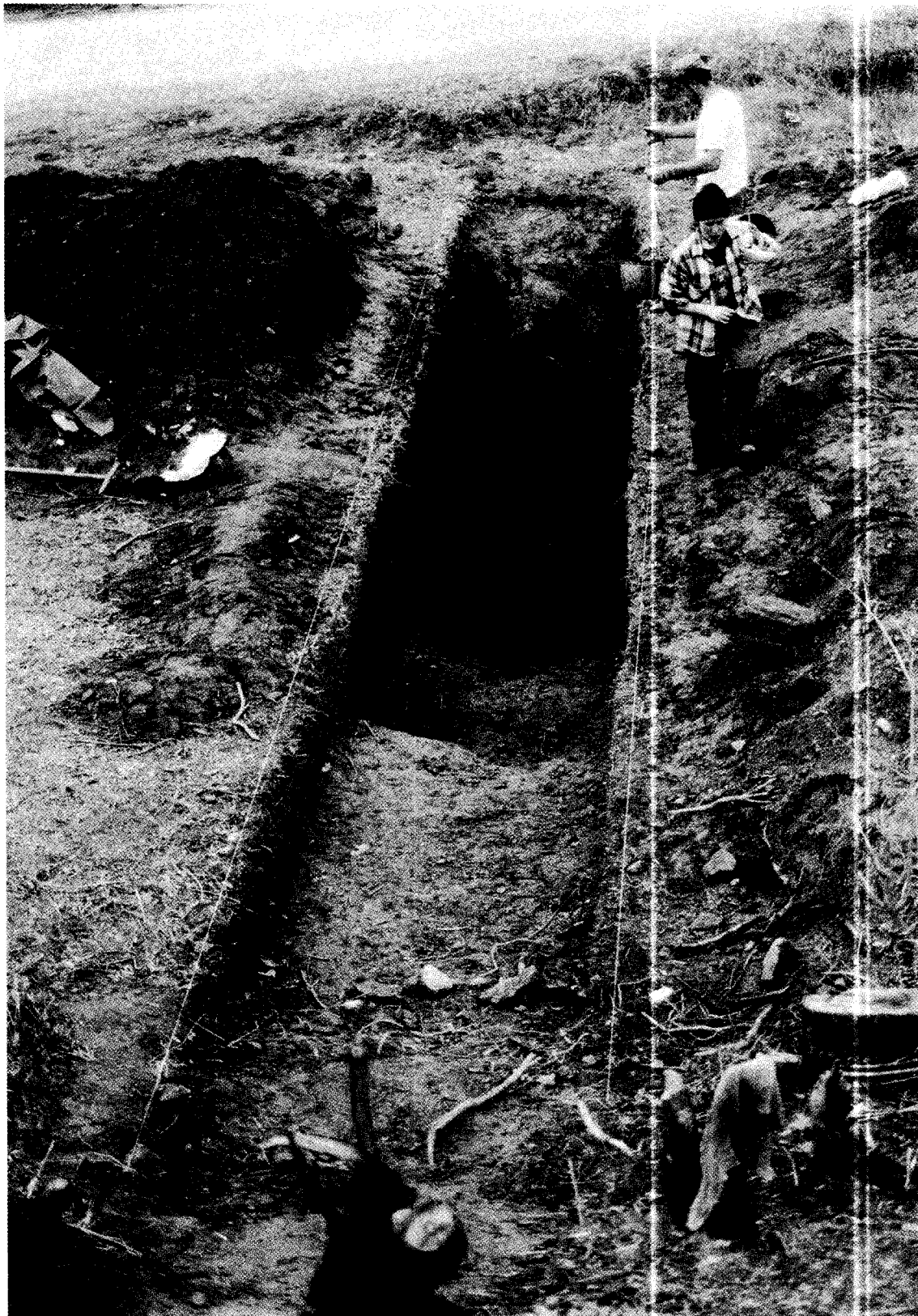


Fig. 10

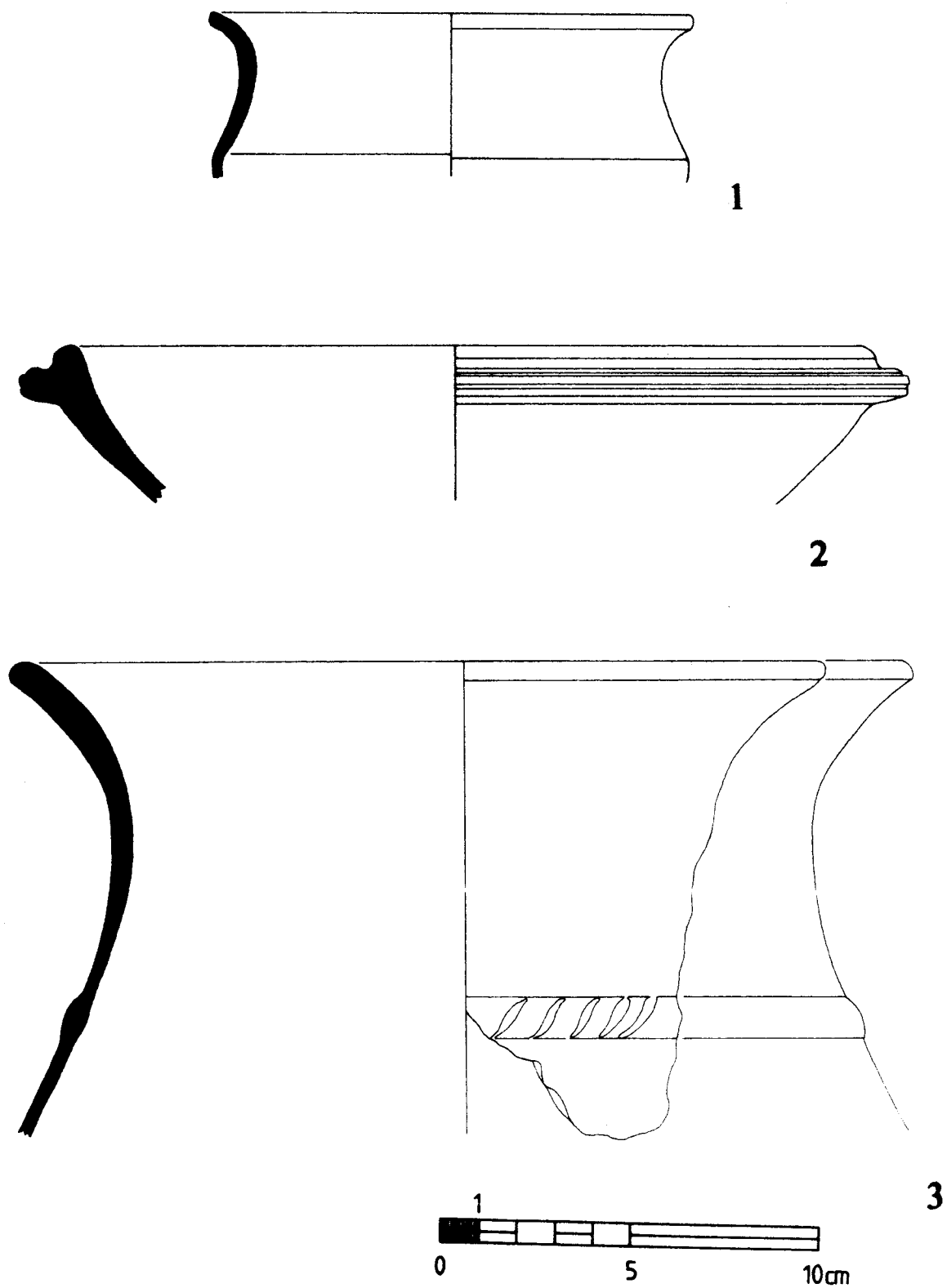


Fig. 11

PORTUGALIA

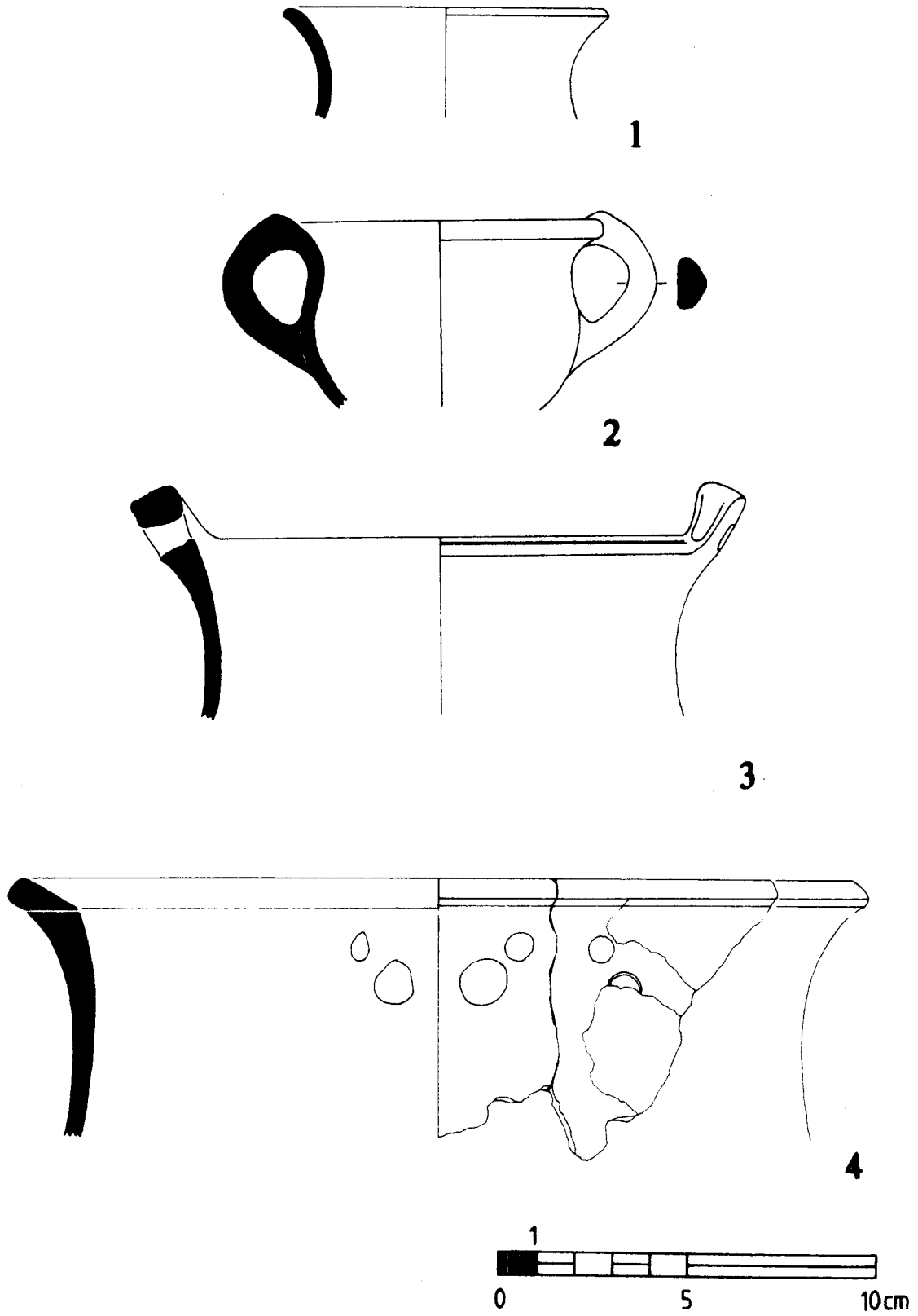


Fig. 12

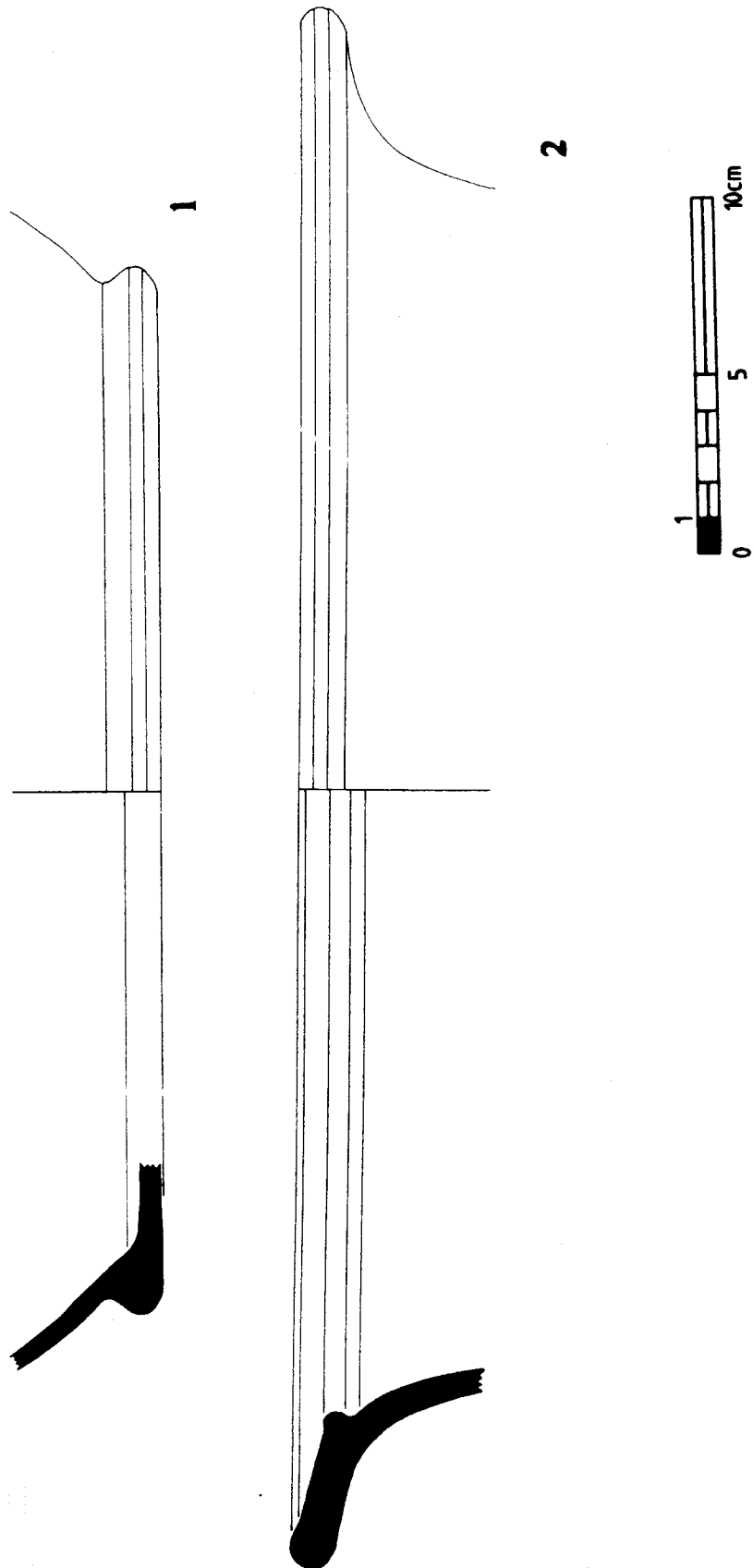


Fig. 13

